

PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DE UMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE PELOTAS/RS SOBRE AS AULAS REMOTAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.

GIULIA DOS SANTOS SILVA GARCEZ¹; INGRID STAINKI DE SÁ²; MYLENA ROCHA DE FARIA³; NADINE MACIEL MADRUGA⁴; MARIA GIOVANA RODRIGUES BURKET⁵; ROSI MERI SANTOS DA SILVA⁶

¹ Universidade Federal de Pelotas – gikagarcez@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – ingridsdesa@hotmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – mylena.rfarias@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Pelotas – dinemms1@gmail.com

⁵ Universidade Federal de Pelotas – gi.burkert@hotmail.com

⁶ Universidade Federal de Pelotas – roseufpel@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Em março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) decretou estado de pandemia, em decorrência da disseminação do novo coronavírus (COVID-19), adotando como principal medida para diminuição e proliferação do vírus, o isolamento social (IS). No Rio Grande do Sul (RS), o governador anunciou a suspensão das aulas presenciais da rede estadual de ensino a partir do dia 19 de março de 2020. Concordando com o governo do RS, a prefeita de Pelotas, decretou a suspensão das aulas a partir do dia 20 de março de 2020.

Esse cenário gerou novas perspectivas para nossa realidade, transformando a forma de nos relacionarmos em diferentes aspectos da vida. Dessa forma, Barreto e Rocha (2020) afirmam que o mundo, neste contexto, apresenta um novo formato de comportamento social. Lidando com o IS, as instituições de ensino (creches, escolas e universidades) tiveram que reorganizar sua estrutura de funcionamento, a partir das limitações impostas pela crise sanitária em virtude da pandemia.

Segundo a Unesco (2020), diversos países fecharam escolas, impactando 90% da população de estudantes. Portanto, professores e estudantes perderam o contato diário, sendo necessário a reconfiguração dos métodos de ensino e aprendizagem. No contexto da Educação, suspender as atividades presenciais gera estranhamento e angústia ao viver essa época ímpar de IS.

Dessa forma, manifesta-se o Ensino Remoto Emergencial (ERE), onde as secretarias de educação e instituições de ensino necessitam buscar uma reestruturação diante da nova realidade, por meio do ERE, orientar professores e estudantes à adaptar o ensino de modo a minimizar os impactos da pandemia na educação. Logo, os diferentes componentes curriculares precisam se reorganizar e atender as demandas de ensino nesse contexto, o que não foi diferente para a Educação Física (EF).

A pandemia influenciou no modo dos professores trabalharem, principalmente docentes da EF escolar, sendo este um componente marcado pela vivência prática e tendo como elementos principais a experiência corporal e a interação coletiva. Como também, influenciou diretamente no processo de aprendizagem dos estudantes, nas práticas de atividade física e na relação de troca com os professores e colegas.

As mudanças acarretadas pelo IS, também ocorreram dentro das universidades e com isso os programas educacionais sofreram ajustes à situação vigente. O Programa de Residência Pedagógica (PRP), que visa propiciar a experiência de regência em sala de aula aos discentes da 2ª metade dos cursos de licenciatura, em escolas públicas de educação básica (BRASIL, 2019), sofre adaptações ao desempenhar sua função atendendo às demandas do ERE, compreendendo a importância do PRP, em um momento de fragilidade educacional e política, inconsistência e desmonte da educação básica, como também, do ensino superior.

Nessa perspectiva, esse trabalho tem como objetivo analisar e compreender as percepções dos estudantes da EMEF Santa Irene, beneficiados pelo núcleo de EF do PRP, da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Considerando a importância de avaliar as ações e processos de ensino aprendizagem no ERE.

2. METODOLOGIA

Este estudo é caracterizado por meio de uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo que, segundo Gil (1999), pesquisas descritivas têm como finalidade principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis.

Como instrumento de pesquisa foi utilizado um formulário *online* composto por perguntas abertas via *WhatsApp* aos participantes, junto do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), encaminhado aos responsáveis, por conta dos participantes serem menores de 18 anos.

Participaram do presente estudo, 10 estudantes matriculados e frequentes no Ensino Fundamental da E.M.E.F Santa Irene, localizada no Bairro Getúlio Vargas, em Pelotas/RS, no qual fazem parte das turmas de abrangência do núcleo de EF do PRP da UFPel. Entre estes, 5 eram do sexo feminino e 5, masculino. Foi utilizado como critério de inserção da pesquisa os alunos que responderam o formulário como também, os responsáveis que declararam o aceite no TCLE.

O formulário foi organizado inicialmente por identificação do estudante, seguido por sete perguntas que irão nortear o presente estudo. Sendo essas perguntas referentes a: forma de acesso às aulas de Educação Física no ensino remoto; satisfação com as aulas *online* do referido componente; aprendizado nos modelos remoto e presencial; diferenças entre as aulas *online* e as aulas presenciais de EF; pontos negativos e positivos das aulas *online* e dificuldades de acesso e/ou realização das aulas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com o intuito de compreender a percepção dos estudantes sobre as aulas remotas de EF da E.M.E.F Santa Irene, a análise inicia mostrando que todos estudantes utilizam o celular para realização das atividades e que 90% estão satisfeitos com as aulas de EF remotas, porém, 80% dos estudantes informaram ter maior aprendizado no modelo presencial. Isso evidencia que o ERE trouxe consigo novos desafios para professores e famílias, à medida que a educação domiciliar provocou mudanças no aprendizado das crianças e dos jovens, eventualmente sobrecarregando os próprios pais no contexto de acompanhamento (BURGESS et al., 2020).

Em relação a maior diferença entre as aulas remotas e presenciais, evidenciou-se a execução das atividades, onde os estudantes citam que “em uma aula presencial os alunos se movimentam, já na aula online, apenas ficam no material teórico.” Esses impactos podem ser sentidos com maior força no componente da EF, visto que, este tem como objetivo a prática pedagógica que se propõe a tematizar manifestações da cultura corporal do movimento (BRACHT, 1999).

Analisando os pontos negativos, os alunos expõem a insatisfação com as atividades realizadas por meio de formulários *online* difundidos via *Facebook*, dessa forma, impossibilitando as práticas corporais e a interação simultânea com os colegas. Destarte, a BNCC afirma que a vivência e a experiência efetiva nas práticas corporais fazem com que os alunos possam participar de forma independente em momentos de lazer e saúde (BRASIL, 2018).

Observando as dificuldades encontradas pelos estudantes, a internet e a falta de motivação são os principais apontamentos. Nesse sentido, evidencia-se também que os estudantes sentem falta das atividades físicas presenciais, que de acordo com Coelho, Xavier e Marques (2020), “a falta de contato presencial do

professor com os alunos, imprescindível para ensinar, corrigir, encorajar e motivar a realização de movimentos, [...] pode ter impactado na participação, interesse e motivação dos alunos”.

4. CONCLUSÕES

A pandemia da COVID-19 afetou drasticamente a educação e exigiu uma reestruturação dos sistemas de ensino. Sobre a utilização das tecnologias digitais, Dos Santos Junior e Da Silva Monteiro (2020) observam que a interação entre o aluno e a escola, proporcionada pelas plataformas *online*, é capaz de possuir uma boa qualidade, entretanto, não apresenta robustez o suficiente para substituir as aulas presenciais. Como também, nas aulas de EF que tiveram suas práticas corporais interditadas.

Por fim, ressalta-se que o ERE dificulta o acesso ao conhecimento da classe social menos favorecida, por não ter acesso às tecnologias digitais ou não possuírem condições de moradia adequada para acompanhar de maneira satisfatória os momentos de aulas remotas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRETO, A. C. F.; ROCHA, D. S. COVID 19 E EDUCAÇÃO: resistências, desafios e (im)possibilidades. **Revista Encantar**, [s.l.], v. 2, n. 1, p. 01-11, 2020. Revista Encantar.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Portaria Gab.Nº 259, de 17 de dezembro de 2019. Dispõe sobre o regulamento do Programa de Residência Pedagógica e do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Brasília: CAPES, 2019a.
- BRACHT, V. A prática pedagógica da educação física: conhecimento e especificidade. **Educação física & ciência: cenas de um casamento (in)feliz**. Ijuí: Ed. Unijuí, 1999. p. 41-45.
- BURGESS, Simon; SIEVERTSEN, Hans Henrik. Schools, skills, and learning: The impact of COVID-19 on education. **VoxEu. org**, v. 1, n. 2, 2020.
- DOS SANTOS JUNIOR, Verissimo Barros; DA SILVA MONTEIRO, Jean Carlos. Educação e covid-19: as tecnologias digitais mediando a aprendizagem em tempos de pandemia. **Revista Encantar-Educação, Cultura e Sociedade**, v. 2, p. 01-15, 2020.
- COELHO, Carolina Goulart; DA FONSECA XAVIER, Fátima Vieira; MARQUES, Adriane Cristina Guimarães. Educação física escolar em tempos de pandemia da COVID-19: a participação dos alunos de ensino médio no ensino remoto. **Intercontinental Journal on Physical Education ISSN 2675-0333**, v. 2, n. 3, p. 1-13, 2020.
- GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999
- Unesco (2020). Impact du Covid-19 sur l'éducation. 2020.